

O TESOURO DA VIDA AUTÊNTICA: REFLEXÕES EM ORTEGA Y GASSET E PAULO FREIRE¹

THE TREASURE OF THE AUTHENTIC LIFE: MEDITATING WITH ORTEGA Y GASSET AND PAULO FREIRE.

Mauro Sérgio de Carvalho Tomaz²

RESUMO:

Acreditamos ser possível tecer algumas aproximações entre o conceito de autenticidade no pensamento do filósofo espanhol José Ortega y Gasset e no pensamento político-pedagógico do educador brasileiro Paulo Freire. O primeiro compreende que vida autêntica está relacionada a dois aspectos: individual e social. No primeiro, há o que o espanhol denomina de “núcleo insubornável”: parcela inalienável e intransferível de cada um. No segundo, a autenticidade está relacionada ao que Ortega y Gasset intitula “altura do tempo”. Com este termo, ele compreende uma vida que é vivida a partir do ambiente cultural que se organiza espaço-temporalmente, permitindo ao homem encontrar-se em um contexto específico, como herdeiro de uma história construída e compartilhada intersubjetivamente. Em Paulo Freire, a autenticidade do homem é disposição necessária para que a educação seja libertadora e não opressora, já que ela, em sua forma de ver, é instrumento de mudança, portanto, não tem valor inerente. Sendo assim, Paulo Freire acredita que o homem só vive autenticamente se está integrado à sua realidade, à sua circunstância, e não só se integra nela como nela age, modificando-a e transformando-a. Vive, portanto, autenticamente o sujeito que se reconhece oprimido, que se engaja na luta pela libertação de seus companheiros e contra a antialogicidade e assistencialização da ação opressora. A autenticidade, nos parece, é o tesouro que a educação nos pode revelar. Um tesouro que está enterrado profundamente em nós mesmos e que só tem valor se o gozamos livremente. Além disso, guarda uma característica singular: quanto mais se gasta, mais se tem; quanto mais se divide, mais multiplica. Entretanto, ele só pode ser utilizado de uma maneira: como alforria da ignorância, da falsidade, da massificação.

PALAVRAS-CHAVE: Autenticidade; Educação; Realidade Radical; Ortega y Gasset; Paulo Freire.

ABSTRACT:

We believe that is possible to identify some common points between the concept of authenticity in the thought of the Spanish philosopher José Ortega y Gasset and the political-pedagogical thought of the Brazilian educator Paulo Freire. Ortega comprehends that the authentic life is related with two different aspects: the individual and the social. In the first, there is what the Spanish named “nucleo insubornable de cada qual”: it is an inalienable and unchangeable core, which exists in each person. In the second, the authenticity is related to what the philosopher calls “the high of the time”, which means a life that is lived in the cultural environment, that have a unique spatial and temporal organization. This form of organization allows the person to find itself in a specific context, as an heir of a history build and shared with others that are, namely, its existential partners. Paulo Freire, by his turn, believes that the man’s authenticity is a necessary disposition to make the educational process a way to freedom and not to oppression, since that, in his point of view, we think, the education is a tool, so, do not have a valor that is inherent to it. In his thought, the man only lives an authentic life if he knows himself living integrated with its reality, with its circumstances, and that he do not only live in it, but that he have constantly act in it, changing it and transforming it. In that way, the one that live an authentic life is not the one that

¹ Esse artigo é uma versão estendida do texto apresentado no II Colóquio Paulo Freire e a Pesquisa em Educação (UFSJ, 2016).

² Mestre em Educação (Processos Socioeducativos e Práticas Escolares) e bacharel e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Professor de Filosofia da rede estadual de ensino de Minas Gerais. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1337932858013841>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 06 Páginas 84-97
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

only recognizes himself as an oppressed, but that engage himself in the fight for his own and his partners' liberation and against the lack of dialog of an oppressive way of acting. It seems to us that authenticity is the treasure which education can reveal to the man. A treasure that is buried deeply in ourselves and only have truly importance if we can use it freely. This type of wealth has a singular characteristic: it grows if we spend it, it multiplies if we divide it. This treasure, it seems, can be used only in a single way: as the liberation of the ignorance, of the false way of living the life, and of the massification.

KEYWORDS: Authenticity; Education; Radical Reality; Ortega y Gasset; Paulo Freire.

Em cima da cama, estendido no sentido do comprimento e fracamente iluminado por uma luz brumosa que penetrava através da janela, via-se um saco de pano grosseiro, debaixo de cujas amplas pregas se desenhava confusamente uma forma longa e rígida. Era a mortalha de Faria, essa mortalha que, no dizer dos carcereiros, era tão barata. Assim, estava tudo acabado. Entre Dantès e o seu velho amigo existia já uma separação material e era-lhe impossível voltar a ver-lhe os olhos, esses olhos que tinham ficado abertos como que para verem para além da morte. Também não poderia apertar mais a mão industriosa que lhe erguera o véu que cobria tanta coisa oculta. Faria, o útil, o bom companheiro a quem se afeiçoara tão profundamente só existia na sua memória. Então, sentou-se à cabeceira daquela cama terrível e mergulhou em sombria e amarga melancolia. Só! Voltara a ficar só! Tornara a cair no silêncio! Encontrava-se de novo diante do nada! Só! Sem sequer a vista, sem sequer a voz do único ser humano que o prendia ainda à terra! Não seria preferível fazer como Faria, abalar, ir pedir a Deus a revelação do enigma da vida, embora correndo o risco de passar pela porta lúgubre do sofrimento?

Alexandre Dumas – O Conde de Monte Cristo

01 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em 1844 se publicava a primeira parte de *O conde Monte Cristo*. Este clássico da literatura reúne vários elementos que permitem ao leitor viajar, prerrogativa das obras geniais. Como Aristóteles já nos havia ensinado na *Poética*, a inesperada reviravolta nos pega de surpresa e dá à obra a tragicidade que encanta para nos fazer sentir o vácuo que sentiu Edmond ao ser lançado ao mar do alto escarpado do *Chateau d'If*. Mas talvez o que mais encante neste romance espetacular seja justamente a personalidade do personagem principal e de como as circunstâncias a transformam, sem que ele deixe de perder seu núcleo fundamental.

Edmond Dantès é um jovem de Marselha que se destaca pela nobreza de espírito, lealdade, justiça e honestidade. Isso o transforma em objeto de inveja a três homens: o que almejava seu posto no navio, o que desejava sua formosa noiva, a catalã Mercedes, e, talvez o pior de todos, o omissor, o covarde, incapaz de lidar com sua inveja das conquistas de Dantès. Eles maquinam uma acusação que fosse

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 06 Páginas 84-97
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

suficiente para tirá-lo do caminho e a encontram, como não poderia deixar de ser, em acusá-lo de ser contrário aos “dogmas” políticos que, naquela época, governavam a França. Nada muito diferente do que se faz na atualidade. Edmond é preso no *Chateau d’If* e nos primeiros anos de cativeiro, no silêncio mórbido de sua cela úmida, perde-se radicalmente de si mesmo, se afasta de si próprio após ter perdido quase tudo o que lhe constituía: o pai e a noiva que tanto amava, seu trabalho que o definia, suas relações com amigos. Em um momento em que conseguira tudo, segue-se um segundo de vazio que o leva ao próximo instante no qual já não tem mais nada. Ao leitor que com ele chora, se angustia e se enraivece, resta refletir, enquanto acompanha a tristeza de uma solidão perdida, sobre como somos definidos por aquilo que encontramos fora de nós.

No idealismo alemão, encontramos na *Doutrina da ciência* de Fichte uma relação dialética em que o não-eu passa a constituir o eu, a alargar a subjetividade. Mas é no fenomenismo de Kant e na fenomenologia de Husserl que compreendemos que a relação que Fichte descrevia era ambígua: o não-eu integra e delimita o eu ao mesmo tempo que o eu se torna parte constitutiva e definidora do não-eu. A partir disto é que compreendemos que ser si mesmo necessita da passagem pelo ser outro, ou, para falar como Husserl, que a consciência é sempre intencional, sempre voltada para fora de si mesma, ainda que seu objeto seja a própria consciência.

Quando Edmond Dantès, perdido ainda na escuridão de sua subjetividade, encontra seu outro, seu não-eu, é que se redescobre iluminado pela consciência de si. O abade Faria, seu vizinho de cela e companheiro de existência, traz novamente à superfície tudo aquilo que as circunstâncias haviam soterrado em Edmond. No abade, o jovem recém-nomeado capitão, se reencontra, se vê refletido nos olhos de seu querido amigo, ali revelados seus triunfos e fracassos, seus méritos e culpas. Mesmo na morte do outro, Dantès encontra ocasião de salvação. Nessa poética e profundamente filosófica atitude de ocupar uma mortalha que não é sua para salvar-se da tristeza e do sofrimento vitalícios, ou mais simplesmente, para viver, para seguir vivendo, encontra-se a mais completa exemplificação da natureza humana, do que é essencialmente ser humano. Assim, o que vemos neste romance dumasiano é uma ode à autenticidade, este, e não os milhões em moedas encontrados na ilha de Monte Cristo, constitui o verdadeiro tesouro adquirido por Dantès.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 06 Páginas 84-97
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Ao interpretarmos assim a obra, será que a deixamos onde está, quer dizer, no jornal amarelado da França de 1844? Será que falar de autenticidade se tornou algo obsoleto e ultrapassado? Teria Dantès mantido a esperança de reencontrar-se se já não houvesse um dia antes se encontrado? Teria ele se atirado ao mar em busca de um tesouro que não acreditasse verdadeiro? Este ensaio procura analisar sob os pontos de vista de dois pensadores o papel da autenticidade em nossa formação, não no sentido formal, *escolar*, com todo o peso que este vocábulo possui, mas no sentido mesmo do jargão que a filosofia empresta da Grécia antiga: *paideia*. Nossos interlocutores nessa análise serão José Ortega y Gasset e Paulo Freire.

02 – AUTENTICIDADE COMO ELASTICIDADE VITAL: ENSIMESMAMENTO E ALTERAÇÃO

O filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883 – 1955) compreende que o conceito de autenticidade está relacionado a dois aspectos: individual e social. Em relação ao aspecto individual, encontramos o que o espanhol denomina de “núcleo insubornável”. Esta é uma parcela inalienável e intransferível que cada um guarda em seu íntimo, que nos é inerente; por isso essa característica se relaciona diretamente à ideia de vocação. Embora esse termo possua, historicamente, certa conotação religiosa, Ortega o compreende como um chamado íntimo, uma exigência vital e individual, sem nenhuma relação transcendental com o divino, mas que guarda afinidade de maneira única e concreta não só com a vida, mas com *minha* vida, quer dizer, com a vida de cada um, em primeira pessoa. Ele nos diz: só eu posso sentir minha dor de dente. A vocação de cada indivíduo é a peculiar e especialíssima inclinação que o movimenta para esta ou aquela ação. Sendo assim, quando a ação se realiza tendo por imperativo existencial este profundo chamado íntimo, o homem age autenticamente. Entretanto, ao conceito de vocação não se relaciona, no pensamento orteguiano, à ideia de essência ou de determinação ou ainda a de cumprimento de um destino pré-estabelecido. Para ele, existe a possibilidade da ação autêntica, mas existe também a da ação inautêntica, que é justamente a que é realizada ignorando a vocação íntima de cada qual.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 06 Páginas 84-97
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

No aspecto social, a autenticidade está relacionada ao que Ortega y Gasset intitula “altura do tempo”. Com este termo, ele compreende uma vida que é vivida a partir do ambiente cultural que se organiza espaço-temporalmente, permitindo ao homem encontrar-se em um contexto histórico e social específico, como herdeiro de uma cultura construída e compartilhada intersubjetivamente. Portanto, para viver autenticamente, o homem, na visão orteguiana, deve equilibrar suas exigências internas com as exigências do meio onde se encontra, de sua circunstância, e, assim, responder aos desafios da vida, individual e coletivamente. Esta é uma das implicações de sua famosa frase que encontramos em seu primeiro livro *Meditaciones del Quijote* (1914): “eu sou eu e minha circunstância, e se não a salvo, não salvo também a mim”.

É comum encontrar citações apenas da primeira parte da frase mencionada, “eu sou eu e minha circunstância”, como exemplificação do pensamento de Ortega. Entretanto, ela não pode ser separada da segunda: “e se não a salvo, não salvo também a mim”. Se Edmond Dantès já não compreendesse o sentido desta frase, a única coisa que pensaria em fazer diante da morte de seu amado colega de cárcere seria desesperar-se e cometer o suicídio (o que de fato lhe vem à mente na sequência da epígrafe deste ensaio). Entretanto, por reconhecer que a vida humana, como diria Ortega, é *quehacer*, é pre-ocupar-se, é futuridade, é que Edmond vê na mortalha ocupada pelo horripilante cadáver de olhos ainda abertos, enxergando para além da horrenda circunstância, uma oportunidade para, literalmente, salvar-se. O homem é um náufrago, disse Ortega. *Precisa* debater-se, agarrar-se nos pedaços flutuantes do navio soçobrado para sobreviver. A cena dumasiana é também ótimo exemplo de outra reflexão que Ortega realiza sobre este mesmo assunto: circunstância não é somente aquilo que nos rodeia, nosso entorno físico, o que está fora de nós, o mar revolto e os pedaços flutuantes da embarcação perdida. Parte da circunstância é também minha própria constituição fisiológica e psicológica. É a frieza que impede sucumbir ao nojo e ao medo ao retirar o cadáver da mortalha e meter-se em seu lugar. É o condicionamento físico que o abade Faria tão sabiamente impediu que Dantès perdesse, ministrando-lhe exercícios. Eu sou eu, mas sou também minhas circunstâncias; e se não as salvo, se não as resolvo, se não lido com elas, afundo, pereço, morro.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 06 Páginas 84-97
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Relaciona-se também ao conceito de vida autêntica, no pensamento orteguiano, o de vida moral. Para Ortega y Gasset, age bem quem age de acordo com a sua vocação sem desconsiderar a circunstância. Nesse ínterim da imoralidade como a ignorância da vocação e da altura do tempo, o filósofo espanhol identifica um tipo específico de homem surgido do arranjo circunstancial do século XIX e que ele denomina “homem-massa”. Esse tipo de ser homem é um tipo radicalmente inautêntico que, justamente por apreciar o gregarismo, ignora sua vocação, ignora aquilo que o torna indivíduo e, por isso mesmo, torna-se antiético por ser irresponsável, porque dilui-se na multidão. Em suas palavras, é um ser inculto.

Por “cultura”, entende o madrileno o repertório de convicções do qual o homem se vale para viver, para se agarrar em sua condição de náufrago. Diz ele que a vida é um tiro à queima-roupa, de modo que não há tempo para que o pensamento reflita sobre cada ação a tomar. Diz ele

a cultura necessita – forçosamente, queira-se ou não – possuir uma ideia completa do mundo e do homem; não lhe é dado deter-se, como a ciência, ali onde os métodos do absoluto rigor teórico casualmente terminam. [...] O atributo mais essencial da existência é a peremptoriedade: a vida é sempre urgente. [...] A vida nos é disparada à queima-roupa. Já a cultura, que não é senão sua interpretação, não pode tampouco esperar. (ORTEGA Y GASSET, 1993, p. 343, grifos no original).

Sendo assim, a cultura, mais que somente um conjunto de ideias, é construída principalmente de crenças que permitem ao homem fazer-se a cada instante de existência. Portanto, da cultura faz parte também a irracionalidade, de maneira que para localizar-se espaço-temporalmente, para perceber seu lugar no mundo e na história, o homem se vale não só de conhecimentos racionais – as ideias – mas também de uma *herança* histórica e irracional, ou melhor dizendo, pré-racional – as crenças - que constituem o subsolo de sua própria existência e dos que o rodeiam. É esse subsolo que permite ao homem escolher na imediatez das circunstâncias, realizar ou não sua vocação.

O desafio de todas as épocas é justamente compreender que essa cultura recebida por herança deve não só ser mantida, mas recriada constantemente para atender aos desafios de cada momento histórico. É isso que o homem-massa não faz. E essa é uma característica de nossa época: época inculta, portanto, que não valoriza a vocação nem os desafios de seu tempo, que ignora o coletivo e a intersubjetividade

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 06 Páginas 84-97
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

olhando somente para o próprio umbigo, que se desinteressa da herança histórica recebida de gerações anteriores, sem contribuir para ela, gastando-a sem pensar no futuro, como o filho da parábola que vai, se arrepende e pensa em matar a fome com a comida dos porcos. Sem uma volta para si mesmo, que Ortega chama de “ensimesmamento”, não há nada de saudável para levar para fora (“alteração”), para contribuir com a cultura; mas sem sair da sala silenciosa do eu, o homem é nada mais que uma ideia ambulante, uma mônada leibniziana, sem janelas. Somente no equilíbrio destes dois aspectos constitutivos da vida humana é que pode existir autenticidade. O homem é um ser elástico.

03 – CRÍTICA E ENGAJAMENTO: AUTENTICIDADE, LIBERTAÇÃO

Em Paulo Freire, embora o termo “autenticidade” seja recorrente em sua obra, não encontramos uma definição precisa³. Indicativo disso é o fato deste conceito não constar no *Dicionário Paulo Freire*, obra de referência no estudo das ideias do recifense. Sendo assim, é preciso extrair da leitura de suas obras a significação que ele atribui a essa palavra. Para ele, a autenticidade do homem é disposição necessária para que a educação seja libertadora e não opressora, já que ela, em sua forma de ver, é instrumento de mudança, portanto, não tem valor inerente. Sendo assim, Paulo Freire acredita que o homem só vive autenticamente se está integrado à sua realidade, à sua circunstância (FREIRE, 2003, p. 11), e não só se integra nela como nela age, modificando-a e transformando-a. Portanto, vive autenticamente o sujeito que se reconhece oprimido – reconhecimento que é, primordialmente, tarefa da pedagogia entendida como política, daí o caráter de instrumentalidade da educação – que se engaja na luta pela libertação de seus companheiros e contra a antialogicidade e assistencialização da ação opressora. Nesse sentido, o capítulo quatro da *Pedagogia do oprimido* é absolutamente claro a respeito da instrumentalidade da educação, esclarecendo que sem uma “teoria revolucionária” só pode servir à dominação e à manutenção da opressão, o que se lê também no segundo capítulo. De modo que

³ É preciso dizer que isso ocorre também com outros conceitos característicos da obra do autor, como por exemplo, o de “conscientização”, que tentamos mapear em diversas obras, algumas pouquíssimas conhecidas. O resultado deste trabalho de pesquisa encontra-se no artigo: “Mapeamento e análise do conceito de ‘conscientização’ em Paulo Freire” (CESJF, 2019).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 06 Páginas 84-97
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

esta obra em questão, infere-se dela, tem como objetivo principal servir como essa “teoria revolucionária”, que garantiria ao oprimido, desde que ele a entendesse bem, condições para começar a desenvolver práticas revolucionárias.

O que encontramos em *Educação e atualidade brasileira* (2003) é justamente a constatação de uma antinomia fundamental, relacionada à (histórica) inexperiência democrática do povo brasileiro com a crescente industrialização do Brasil da época de Freire (década de 50) que faz com que as pessoas participem da vida pública sem estarem preparadas para tal. A essa inexperiência democrática identificada por Freire está relacionada a maturidade do cidadão que, por sua vez, tem a ver com a busca pela autenticidade, pela vida autêntica. Juntamente à essa crescente participação do povo na vida pública, gerada, segundo Freire, pelo desenvolvimento industrial, está, reconhece ele, um sentimento também crescente de auto aprovação nacional que surgiria como resposta à inautenticidade que o país reconhecia devido à sua formação colonial e da inautenticidade decorrida da alienação dessa condição.

Desse modo, é possível perceber que o educador relaciona a autenticidade à industrialização ou à mudança dos padrões econômicos da sociedade, ao mesmo tempo que guarda vínculos inseparáveis ao movimento de transitivação da consciência. Esse movimento, nos parece, é o próprio movimento da autenticidade, já que somente a consciência transitivo-crítica pode permitir ao homem a *práxis* (conceito que ele empresta do marxismo e que significa ação-reflexão-ação) verdadeira, que é, em outras palavras, o que ele chama de ação autêntica. Para melhor entender essa afirmação, façamos uma breve explicação de como a consciência intransitiva pode vir a transitivar-se, conceitos que encontramos no livro *Educação e atualidade brasileira*.

A intransitividade de consciência é uma postura predominantemente vegetativa ou biológica do homem. Isso significa que nesse estágio o indivíduo não se preocupa com nada que não diga respeito estritamente à sua vida cotidiana, corporal, biológica. Nesse aspecto, ele se encontra muito próximo do homem primitivo, que se preocupa apenas com suas necessidades básicas, como a manutenção da alimentação e o estabelecimento de uma moradia. Esse tipo de consciência, para o autor, assim como os outros tipos que logo veremos, se relacionam com o estado de

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 06 Páginas 84-97
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

desenvolvimento de uma determinada região, o que significa que podemos entender que é possível fazer uma demarcação, digamos, regional, da predominância deste ou daquele tipo de consciência. Neste caso, a consciência intransitiva, ele nos diz, é “a consciência de homens de zonas pouco ou nada desenvolvidas do país” (FREIRE, 2003, p. 32).

Dessa maneira, já podemos perceber que, para Freire, o tipo ou a condição da consciência está ligada ao desenvolvimento econômico do ambiente social onde ela se encontra, é o que se pode notar também em *Educação como prática da liberdade*, no momento em que Freire comenta sobre seus, então, quinze anos de experiência na educação. Trecho no qual é reforçada a ideia de que a transição da consciência está, necessariamente, relacionada à industrialização: “surpreendêramos a apetência educativa das populações urbanas, associada diretamente à transitividade de sua consciência, e certa inapetência das rurais, ligada à intransitividade de sua consciência⁴” (FREIRE, 2014, p. 133).

O próximo degrau, ou nível, da consciência, para Paulo Freire, é a consciência transitiva, que corresponde à zonas de maior desenvolvimento econômico. Ela se caracteriza não só pelo aumento das preocupações do indivíduo, como pela sofisticação destas preocupações.

Em uma longa nota de rodapé na página 32 de *Educação e atualidade brasileira*, Paulo Freire aponta que sua forma de encarar o problema da consciência ingênua/crítica difere do modo com que os isebianos⁵, notadamente, Vieira Pinto, Guerreiro Ramos e Roland Corbisier, tratavam a questão. O educador entende que não há, necessariamente, uma mudança direta de uma consciência para outra, mas que ela percorre estágios: o de intransitividade, sobre o qual comentamos, e o de transitividade, que se divide em transitividade ingênua e transitividade crítica. Além

⁴ Note o leitor que a prática de relacionar economia e desenvolvimento da consciência demonstra o quanto a teoria marxista está impregnada no modo de pensamento de Paulo Freire. Os que defendem que nesse momento, 1959, data de surgimento do texto que é considerado sua primeira obra (*Educação e atualidade brasileira*), Freire ainda não estava embebido da teoria social marxista, parecem estar cometendo um equívoco.

⁵ Criado em 14 de julho de 1955 e vinculado ao MEC, o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) tinha como objetivo principal o estudo e divulgação das ciências sociais dentro do campo do desenvolvimentismo, assunto muito discutido durante esta década em que o país começava a se industrializar. Paulo Freire era um assíduo frequentador das atividades do ISEB e as ideias que ali floresciam influenciaram notavelmente seu modo de pensar. Essa influência pode ser observada majoritariamente no livro *Educação e atualidade brasileira*, sobre o qual já comentamos.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 06 Páginas 84-97
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

disso, Freire diferencia a consciência transitivo-ingênua da intransitiva, algo que aqueles mestres do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, no olhar do autor, não haviam feito. O educador acredita também não ser possível determinar um tipo exclusivo de consciência que caracterizaria um povo. O mais correto, no seu modo de ver, seria falar de uma marca, de um signo que não é exclusivo, mas predominante. Como é o caso do Brasil de sua época. Para ele, há no país predominância da consciência ingênua, primeiro estágio da consciência transitiva.

Desse modo, a consciência transitivamente ingênua é característica de momentos autoritários, antidemocráticos e antidialógicos. Para o autor, a emergente industrialização do país, embora permita a transitividade da consciência⁶, gera também um comportamento ingênuo e domesticado, principalmente por causa do especialismo e da suposta acriticidade presentes na produção em série.

Dessa maneira, Freire entende que a passagem da consciência intransitiva para a transitivo-ingênua é automática e obedece à “promoção dos padrões econômicos da comunidade” (FREIRE, 2003, p. 36)⁷. O que não acontece com a passagem para a transitivo-crítica, ponto este que demarca a diferença entre a proposta freiriana e a de seus mestres isebianos. Em seu modo de ver, a passagem da consciência ingênua para a crítica não se dá de modo automático e determinado pela economia; ela deve ser causada, deve configurar-se como ação: ação propriamente educativa. Portanto, a educação deve servir de instrumento de transformação social que permita ao homem sair da ingenuidade de sua consciência e habitar a criticidade.

Sendo assim, percebemos que Freire relaciona autenticidade à criticidade, sem nos esquecermos que a consciência transitivo-crítica é, ao contrário da transitivo-ingênua, que se transitiva automaticamente dadas às condições materiais fornecidas

⁶ “‘Voz’ que o povo inexperimentado dela só consegue quando novas condições faseológicas vão surgindo e propiciando a ele os primeiros ensaios de ‘dialogação’. [...] É o que vem acontecendo entre nós, repetamos, com o impacto da industrialização, no momento atual da vida brasileira” (FREIRE, 2003, p. 71, aspas no original).

⁷ “Para nós, estas transformações de nossa infraestrutura, que vêm promovendo nosso homem de padrões de vida a-históricas ou de ‘existência bruta’, para padrões de vida histórica ou de teor de vida mais espiritual e histórica, trazem e vêm trazendo consigo promoção automática da consciência de um estágio chamado por nós de intransitivo ou de consciência predominantemente intransitiva para outro, chamado por nós, de consciência transitivo-ingênua ou predominantemente transitivo-ingênua” (FREIRE, 2003, p. 33, aspas no original).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 06 Páginas 84-97
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

pela industrialização, atingida somente através do trabalho educativo. Dessa maneira, autenticidade, criticidade e educação libertadora são conceitos inseparáveis no pensamento freiriano.

04 – AMARRANDO AS PONTAS (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

Podemos, então, perceber alguns pontos de semelhança entre a meditação de Ortega y Gasset e a reflexão de Freire, principalmente no fato de que a vida autêntica está relacionada não só ao aspecto individual da vida, mas também ao social, de atitude junto ao coletivo, junto à intersubjetividade, reconhecendo a importância da alteridade neste processo. Além disso, o conceito guarda estrita ligação com a ação moral, já que age bem aquele que age com base em si mesmo, ou seja, autonomamente, sem que uma autoridade externa faça com que tome esta ou aquela decisão. Autonomia que vem, para Ortega, da cultura, e para Freire, da transitivação crítica da consciência. Assim, autenticidade, para ambos, tem a ver com responsabilidade, com ética. Ambos também acreditam que a educação – para Ortega, a instituição universitária; para Freire, a *práxis* libertadora – tem papel fundamental no estabelecimento dos fundamentos da vida autêntica e da ação livre e autônoma.

Feitas estas aproximações, entendendo que são pensadores de raízes sociais e históricas diferentes, de obras com objetivos diversos e de motivações intelectuais que não se identificam, acreditamos que o assunto da autenticidade se faz de grande importância para a discussão atual sobre a educação, principalmente sobre os problemas enfrentados por instituições, alunos e professores. Afirmamos que a autenticidade, considerando os dois pensadores analisados neste ensaio, não pode preterir de nenhum dos seus dois aspectos constitutivos. Assim, estes desafios da atualidade têm, ao mesmo tempo, um caráter individual e outro social. Com isso não estamos querendo dizer que são separáveis, mas apenas que são distintos. Dessa maneira, é preciso cuidar não somente do coletivo, nem do individual, mas de ambos.

Ora, tanto em Ortega y Gasset como em Paulo Freire nota-se que a educação é caminho inexorável para a autenticidade. Assim como Edmond Dantès é reeducado pelo abade Faria, ao mesmo tempo pai, professor e amigo, no sentido de

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 06 Páginas 84-97
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

manter o bom homem que é, aprendendo a valer-se da criticidade para entender suas circunstâncias. Nada mais cristão: ser manso como uma pomba, mas astuto como uma serpente. A educação, como tarefa essencialmente humana, deve servir também a esta característica de nossa espécie: a possibilidade de viver falsamente, de costas para o que somos, de costas para a sociedade, peça-chave na noção que temos de nós mesmos. Se deve *servir* é porque, como diz Freire, é instrumento, que deve ser utilizado para libertar e não para oprimir. Se deve servir é porque, como diz Ortega, é fornecedora de cultura, estruturante ao mesmo tempo da construção individual e social.

Educação sem autenticidade é opressão. O professor inautêntico é, primeiro, frustrado com a profissão, doente, mentiroso. Para Kant, covarde e preguiçoso. Depois, é um atuante social que não contribui para o coletivo, que não pensa nos outros, que não diz a “palavra verdadeira” de Freire, já que não se importa em refletir sobre a ação, nem mesmo em agir com reflexão. O aluno inautêntico, muitas vezes simples reflexo do professor, é somente um corpo presente na sala de aula. Vários cadáveres de olhos abertos, sem que sua parcela que ainda vive tenha coragem de ocupar sua mortalha para salvar-se. Não se preocupa em agir honestamente, consigo mesmo e com os outros. Não se preocupa com nada mais que o vestibular. Talvez não seja exagero afirmar que o período escolar, quiçá a universidade, seja o período mais inautêntico de nossas vidas.

Para Ortega y Gasset, educação sem autenticidade é incultura, é imoralidade – já que a moral parte de uma reflexão autônoma -, é uma vida que sucumbe e leva com ela a sociedade. A minoria inautêntica se exime da responsabilidade de dirigir; a massa inautêntica visa dirigir sem ter as condições necessárias. Nessas condições, o que vemos é a catástrofe social, invertebração, crise das instituições. No olhar otimista de Ortega da universidade é esta instituição que pode contribuir para uma educação autêntica, livre e autônoma, desde que tenha para si mesma, como princípio de tudo e o mais importante, clara e inequívoca qual é a sua missão, como efetivar sua própria vocação.

Se agirmos como o abade Faria, mostrando a nossos alunos o que já lhes é inerente de melhor e de pior, o bem e o mal que podem fazer com isso que têm, talvez possamos melhorar não só nossos alunos, mas a própria sociedade. A

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 06 Páginas 84-97
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

autenticidade é remédio para uma sociedade mais saudável, menos opressiva, menos inculta, mais livre. Mas para isso é necessário que o que educa seja autêntico, reconhecendo se realmente pode educar, se realmente faz o que sua vocação lhe chama a fazer e, se sim, se realmente age como a sociedade precisa que ele aja. Este pode ser um caminho para uma sociedade menos doente, menos depressiva, menos homicida e mais fraterna; aliás, uma verdadeira sociedade.

A autenticidade, nos parece, é o tesouro que a educação nos pode revelar. Um tesouro que está enterrado profundamente em nós mesmos, mas que só podemos atingi-lo através do outro, e, ainda que tenhamos que navegar por nós mesmos, é no outro que encontro a chave para abri-lo. No baú da autenticidade o que há de mais valioso é um espelho, que permite que nos vejamos nele. Além disso, esse tesouro guarda uma característica singular: quanto mais se gasta, mais se tem; quanto mais se divide, mais multiplica. Entretanto, ele só pode ser utilizado de uma maneira: como alforria da ignorância, da falsidade, da massificação.

05 – REFERÊNCIAS

- DUMAS, Alexandre. *O conde de Monte Cristo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 1664 p.
- FICHTE, Johann G. *A doutrina da ciência de 1794 e outros escritos*. Trad. Rubens Rodrigues. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. 336 p. (Os Pensadores)
- FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. 3 ed. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2003. 208 p.
- _____. *Educação como prática da liberdade*. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 189 p.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 60ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. 288 p.
- HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008. 133 p.
- KANT, Immanuel. *Textos seletos*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 112 p.
- _____. *Crítica da Razão Pura*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 664 p.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 06 Páginas 84-97
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

TOMAZ, Mauro Sérgio de Carvalho. O Tesouro da Vida Autêntica: Reflexões em Ortega y Gasset e Paulo Freire.

ORTEGA Y GASSET, José. *Obras completas*. Madri: Alianza, 1993.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. *Dicionário Paulo Freire*. 3ª ed. São Paulo: Autêntica, 2016. 448 p.

TOMAZ, Mauro Sérgio de Carvalho. Mapeamento e análise do conceito de “conscientização” em Paulo Freire. *CES Revista*, v. 33, n. 1, Juiz de Fora, 2019.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XX Jul-dez 2019	Trabalho 06 Páginas 84-97
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	